

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Promessa é dívida: Efeitos da inconsistência de informantes na confiança seletiva de crianças pré-escolares

Este trabalho foi apoiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Processo FAPESP 2021/05857-3)

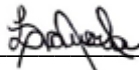
Laura Cunha Melnicky

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Débora de Hollanda Souza

São Carlos – SP

2022

Promessa é dívida: Efeitos da inconsistência de informantes na confiança seletiva de crianças pré-escolares



Discente

Laura Cunha Melnicky



Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Débora de Hollanda Souza

Trabalho apresentado como requisito para
conclusão no curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Federal de
São Carlos, sob orientação da Prof.^a. Dr.^a.
Débora de Hollanda Souza

São Carlos – SP

2022

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me sustentado durante toda a minha trajetória, desde o vestibular até a finalização deste trabalho de conclusão de curso. Sem Ele, eu não teria conseguido. Agradeço aos meus pais, Luis e Elaine, pelo apoio e pelo privilégio de poder me dedicar aos estudos e reconhecer que o conhecimento adquirido através da minha dedicação será a herança mais preciosa que eles me deixarão; também às minhas irmãs, Livia e Luisa, por estarem presentes em todos os momentos, fazendo os meus dias mais leves.

Agradeço às minhas amigas de graduação – Ana Paula, Camila, Julie, Lívia, Rafaela, Raphaella e Sara – por serem mais do que colegas de turma, por serem verdadeiras parceiras nos mais diversos aspectos da nossa vida universitária. Serei eternamente grata por todos os momentos compartilhados durante estes cinco anos, com a esperança de levar essa amizade para o resto da vida. Também agradeço às amizades de São Carlos cultivadas ao longo de todos os meus anos de vida, que estiveram comigo durante esta caminhada, às vezes perto e às vezes longe. Agradeço a todas as demais pessoas que conheci ao longo destes anos, mais cedo ou mais tarde, que me apoiaram e me encorajaram de coração, com muito carinho.

Agradeço à minha querida orientadora Profa. Dra. Débora de Hollanda Souza por todos os ensinamentos sobre pesquisa, Psicologia, ética e profissionalismo; e por todo o apoio que tanto precisei. Tudo o que conquistei e aprendi com essa pesquisa foram também frutos da sua dedicação como minha professora e orientadora. Irei agradecer centenas e centenas de vezes pelo privilégio de ter sido sua orientanda. Agradeço à Profa. Dra. Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil pela gentileza de ter nos ajudado quando precisamos. Agradeço também a ajuda dos demais integrantes do GPDeSoL (Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Sociocognitivo e da Linguagem), vinculado ao LIS (Laboratório de Interação Social) por terem me ajudado quando precisei.

Agradeço à UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e a todos os docentes do DPsi (Departamento de Psicologia) pela oportunidade de obter uma formação acadêmica de excelência, pública e gratuitamente. Por fim, agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento da minha pesquisa.

Resumo

Pesquisas recentes têm investigado o desenvolvimento da confiança seletiva ou a habilidade de discriminar bons e maus informantes em situações de aprendizagem novas. Uma pergunta, no entanto, permanece pouco explorada: será que esses julgamentos podem ser também influenciados por um histórico de promessas não cumpridas e pelos motivos que levaram a essa quebra de promessas? O presente estudo teve como objetivo buscar uma resposta para esta pergunta. Um segundo objetivo foi o de testar uma possível correlação entre confiança seletiva e a teoria da mente. Foram recrutadas 48 crianças de 5 e 6 anos, sendo que 4 delas participaram de um estudo piloto. A análise de dados foi realizada, portanto, com 44 crianças de 5 anos ($M_{idade} = 5$ anos e 10 meses, $DP = 3,7$ meses) e 6 anos ($M_{idade} = 6$ anos e 8 meses, $DP = 3.5$ meses). As crianças foram avaliadas pela tarefa de confiança seletiva e pela tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM). Os participantes foram aleatoriamente distribuídos em três condições que se diferenciavam pelo tipo de situação apresentada na tarefa de confiança seletiva. Na primeira condição (C1), um dos personagens sempre prometia algo a um amigo e não cumpria a promessa, sem uma justificativa plausível; e um segundo personagem quebrava as promessas para o mesmo amigo, no entanto, por razões aceitáveis. Na segunda condição (C2), um personagem prometia e cumpria as promessas; e outro personagem não cumpria por uma razão aceitável. Já na terceira condição (C3), o personagem que prometia e cumpria era contrastado com um que prometia e não cumpria sem uma justificativa plausível. Em uma fase teste, as crianças eram solicitadas a escolher um dos dois personagens como sua fonte de informação em situações novas de aprendizagem. Não foram encontrados efeitos de gênero ou idade. A análise dos dados demonstrou que o desempenho dos participantes não foi diferente do esperado pelo acaso na tarefa de confiança seletiva. Além disso, não foram encontradas diferenças significativas entre as três condições. Também não houve uma preferência clara por aquele personagem que cumpre todas as promessas ou aquele que quebra suas promessas por razões compreensíveis. Uma tendência a uma associação significativa foi encontrada entre o desempenho das crianças na pergunta sobre conteúdo inesperado da MoToM e o desempenho na tarefa de confiança seletiva. Estudos futuros devem testar esse procedimento com crianças mais velhas e utilizar testes em diferentes domínios, não apenas em uma situação de jogo como a utilizada no presente trabalho.

Palavras-chave: confiança seletiva; promessas; teoria da mente; crianças

Abstract

Recent studies investigated the development of selective trust or the ability to discriminate good and bad informants in new learning situations. One question, however, remains little explored: can these judgements be also influenced by a history of broken promises and by the reasons that led to the promises being broken? The goal of the present study was to search for an answer to this question. A second goal was to test a possible correlation between selective trust and theory of mind. Forty-eight children were recruited, and four of them participated in a pilot study. Data analysis was conducted, therefore, with 44 children aged 5 ($M_{age} = 5$ yrs e 10 mos, $DP = 3,7$ mos) e 6 anos ($M_{age} = 6$ yrs e 8 mos, $DP = 3.5$ mos). Children were assessed by a selective trust task and the Morally Relevant Theory of Mind task (MoToM). Participants were randomly distributed into three conditions that differ in relation to the situation presented in the selective trust task. In the first condition (C1), one of the characters always promised something to a friend but broke the promise without a plausible motive; a second character likewise did not keep his promises, but he had plausible reasons for doing so. In the second condition (C2), one character made promises and fulfilled them; and another character did not keep his promises but had plausible reasons for breaking them. In a third condition (C3), a character who fulfilled promises is contrasted with a character who broke his promises without a plausible explanation. During a test phase, children were asked to choose one of the characters as a source of information in new learning situations. No gender or age effects were found. Data analysis showed that participants' performance in the selective trust task was not different from chance. Additionally, no significant differences were found between the three conditions. No clear preference for the character who fulfills his promises was found and neither for the one who breaks promises for justifiable reasons. Future studies should test this procedure with older children as well as use tests in different domains, not only the game situation used in the present work.

Keywords: selective trust; promises; theory of mind; children

Introdução

As crianças, a todo momento, estão inseridas em um ambiente que oferece inúmeras oportunidades de aprendizagem – seja a partir da exploração que elas fazem do mundo ou a partir do testemunho oferecido pelas demais pessoas ao seu redor (Harris, 2012). O segundo tipo, o testemunho, é uma das maiores fontes de informação que os seres humanos têm, uma vez que não é possível vivenciar empiricamente todas as experiências existentes. O formato do planeta Terra, o funcionamento cerebral e acontecimentos históricos são exemplos de conhecimentos que muitas crianças têm e não foram obtidos por meio da experiência, mas sim relatados por seus familiares ou professores(as) (Harris, 2012).

Desde pequenos, os indivíduos aprendem com o que é dito pelas demais pessoas ao seu redor, fato que colabora para a crença equivocada de que as crianças acreditam em tudo o que lhes é dito, sendo facilmente enganadas ou manipuladas. Evidentemente, isso vem sendo desmentido pelos estudos da Psicologia do Desenvolvimento, que indicam que mesmo crianças pequenas não ficam passivas diante dos testemunhos alheios, mas são capazes de filtrar as informações que recebem. Dessa forma, elas conseguem avaliar as qualidades epistêmicas do conhecimento que lhes é oferecido (Sperber, 2001).

É esperado, portanto, que as crianças reconheçam e rejeitem afirmações que não coincidam com as informações adquiridas por elas através de experiências diretas (Clément, Koenig & Harris, 2004). Como explorado por Koenig e Echols (2003), mesmo bebês de 16 meses tendem a discordar e corrigir informantes que nomeiam objetos de uma forma diferente da qual essas crianças estão acostumadas a nomeá-los. Markman, Wasow e Hansen (2003, citado por Koenig & Echols, 2003) realizaram um experimento com bebês de 15 e 18 meses durante o qual um objeto, cujo nome já era conhecido por eles (e.g., uma colher), era apresentado ao bebê.

Na primeira condição, um experimentador perguntava: “Você pode me mostrar a colher? Onde está a colher? Encontre a colher”. Na segunda condição, o experimentador perguntava: “Você pode me mostrar o *toma*? Onde está o *toma*? Encontre o *toma*”. E, por fim, na terceira condição, o experimentador perguntava “Você pode me mostrar isso? Onde está isso? Encontre isso”. Na segunda

condição, em que o informante usava um nome desconhecido para o objeto conhecido pelo bebê, este olhava ao redor da sala como se procurasse por um objeto chamado “toma”, uma vez que conhecia o nome do objeto que estava bem a sua frente: colher. Fica evidente que mesmo crianças muito pequenas não acatam qualquer informação sugerida por terceiros; pelo contrário, elas recorrem ao seu repertório já estabelecido para excluir possíveis informações irrelevantes ou incorretas.

Para além da situação observada nesse estudo de Markman et al. (2003, citado por Koenig & Echols, 2003), as crianças filtram informações não apenas com base no seu conhecimento prévio sobre o mundo. Elas também levam em consideração o histórico de um informante para avaliar se ele é confiável ou não em situações novas de aprendizagem (Clemént, Koenig & Harris, 2004; Pasquini et al., 2007). Tal habilidade é convencionalmente chamada de confiança seletiva ou confiança epistêmica (Robinson & Einav, 2014).

Para investigarem a confiança seletiva, os pesquisadores têm seguido um paradigma experimental como o utilizado no estudo de Koenig, Clemént e Harris (2004) com 53 crianças de 3 a 4 anos participaram. O pesquisador mostrava à criança uma foto com os atores do vídeo e dizia “Eu tenho essas duas amigas. Está vendo? Uma tem uma camiseta azul e a outra tem uma camiseta vermelha. Elas vão te mostrar alguns objetos e vão te dizer como eles se chamam. Vamos assistir”.

Durante a fase de familiarização, o vídeo mostrava as duas atrizes sentadas em volta de uma mesa, uma à direita e outra à esquerda da tela. Assim que o vídeo iniciava, um terceiro ator colocava um objeto conhecido em cima da mesa (e.g., uma bola, um copo ou um livro) e perguntava, em cada uma de três tentativas, qual era o nome do objeto apresentado. Uma das atrizes respondia corretamente todas as vezes (e.g., dizia que o nome do objeto bola era “bola”) enquanto a outra sempre respondia incorretamente (e.g., quando a bola era apresentada, dizia que o objeto era uma cadeira). Depois que as duas atrizes haviam respondido à pergunta, o ator perguntava para a criança: “Você pode me dizer como isso se chama?”. Após a fase de familiarização, o experimentador pausava o vídeo e perguntava: “Alguma das informantes disse algo certo?”, ou “Alguma das informantes disse algo errado?”. Se a criança dissesse “Sim”, o experimentador perguntava “Quem? Aponte para a pessoa que disse algo [certo/errado]”. Caso a criança respondesse “Não”, o experimentador a corrigia, dizendo “Na verdade, uma delas disse algo [certo/errado]. Qual delas disse algo [certo/errado]?”.

Já na fase teste, os objetos apresentados eram desconhecidos: um objeto colorido feito de bambu, um objeto branco feito de borracha e um objeto vermelho feito de papel. O mesmo procedimento da fase de familiarização era utilizado, mas as atrizes identificavam os objetos desconhecidos com nomes também desconhecidos. Por exemplo, ao ser perguntada sobre o nome do primeiro objeto, uma das atrizes dizia “Isso é um mido” e a outra dizia “Isso é um toma”. Em seguida, a criança era questionada pelo ator: “Você pode me dizer como isso se chama? Mido ou toma?”. Após as três tentativas-teste, a criança era perguntada novamente “Uma das duas pessoas disse algo [certo/errado]. Qual das duas ficava dizendo algo [certo/errado]?”. Os resultados revelaram que as crianças demonstravam clara preferência na fase teste pelos nomes oferecidos pela informante mais confiável, o que sugere que, de fato, elas levam em consideração o histórico de confiabilidade dos potenciais informantes (i.e., o histórico de respostas certas nas tentativas de familiarização).

Seguindo o interesse de investigar a confiança seletiva em crianças, Isella, Kanngiesser e Tomasello (2018) se propuseram a olhar para essa competência de uma forma diferente, avaliando o seu desempenho em relação a promessas e não a testemunhos. Dessa forma, apresentaram a cada criança uma situação em que o histórico de promessas cumpridas ou descumpridas de dois informantes era apresentado. Com base nesse conhecimento, a criança deveria escolher um dos dois informantes para ajudá-la em uma tarefa: o confiável, que cumpria o que prometia, ou o inconfiável, que não cumpria o que prometia. A hipótese dos autores era a de que as crianças aceitariam ajuda apenas do informante confiável nas tentativas teste ao considerarem o histórico dos dois informantes.

Em um dos quatro estudos reportados neste artigo, os participantes assistiam interações entre vários personagens/fantoches (um sapo, um rato e um urso, intermediados por um leão). Alguns personagens cumpriam as promessas e ajudavam o outro fantoche; outros não prometiam e ainda assim ajudavam (condição pró-social); havia também os que quebravam as promessas e não ajudavam o outro fantoche, e os que não prometiam e não ajudavam (condição anti-social). Dessa forma, os autores esperavam observar dois pontos: (a) se a confiança seletiva das crianças é baseada nas ações pró ou anti-sociais dos indivíduos, então não demonstrariam preferência por nenhum dos dois fantoches em ambas as condições, já que os dois fantoches produziam a mesma ação – ajudar/não ajudar; (b) se a confiança seletiva das crianças é baseada no comportamento consistente ou inconsistente dos

personagens, então as crianças prefeririam escolher o fantoche que prometia e cumpria e evitariam o fantoche que quebrou a promessa feita.

Participaram desse estudo 48 crianças de 5 anos e 48 crianças de 7 anos. Em uma fase de familiarização, o experimentador se apresentava à criança e a deixava à vontade para se habituar à sala. Em seguida, o experimentador oferecia um quebra-cabeça ou peças para que o participante montasse um colar. Em determinado momento, a criança perceberia que estava faltando uma peça para a sua atividade ficar completa, sendo que essa peça estava situada ao lado de dois fantoches à sua frente. Na sequência, o experimentador apresentava dois vídeos que evidenciavam o histórico de promessas cumpridas ou não cumpridas desses dois personagens. Por exemplo, um fantoche fazia uma promessa dizendo: “Urso, eu posso arrumar os seus brinquedos/regar as suas plantas. Eu prometo que irei arrumar os seus brinquedos/regar as suas plantas”. Outro fantoche dizia: “Urso, você ouviu o que o Leão disse. Você está atrasado para a escola/Você tem que pegar o ônibus. Tenha um bom dia/uma boa viagem!”. Na condição pró-social, ambos os fantoches ajudaram (cumpriram o que prometeram) depois que o urso saiu da cena. Já na condição anti-social, nenhum dos dois fantoches ajudou.

A criança era então solicitada a responder as seguintes perguntas: “O que acontecia nos vídeos?”, “O que o [nome do fantoche, e.g., sapo] disse para o urso?”, “O que o [nome do fantoche, e.g., sapo] fez?”. Após a apresentação dos vídeos, ambos os fantoches diziam para a criança: “Oh, eu posso te dar a peça que falta! Eu prometo que vou te ajudar!”. E por fim, o experimentador perguntava à criança qual dos dois fantoches ela gostaria que lhe entregasse a peça.

Os resultados desse estudo mostraram que, na condição pró-social, as crianças de 5 anos demonstravam uma preferência clara pelo fantoche que prometia ajudar. Entretanto, as crianças de 7 anos não demonstraram preferência clara por um dos dois fantoches. Na condição anti-social, nenhum dos grupos de idade demonstrou preferência significativa por um dos fantoches. Segundo os autores, isso indica que a consistência na fala dos fantoches depende do contexto, e que as crianças confiaram seletivamente nos fantoches que prometiam e cumpriam suas promessas.

O fato das crianças de 7 anos não terem confiado seletivamente em nenhuma das duas condições pode ser explicada pelo fato de que elas são maiores e mais altas e, portanto, não precisariam de ajuda para recuperarem a peça que estava entre os dois fantoches, se fosse preciso (já as crianças de 5 anos,

não alcançariam). Os pesquisadores sugerem que, em estudos futuros, o arranjo experimental seja modificado para que fique mais evidente para as crianças que elas não conseguiriam alcançar a peça desejada sozinhas.

Outro aspecto da quebra de promessa que talvez possa ser mais explorado em um contexto de confiança seletiva está relacionado ao julgamento moral deste comportamento pelas crianças. Uma direção particularmente interessante seria a de se avaliar o papel do desenvolvimento da teoria da mente e do julgamento moral nesta situação. A tarefa de teoria da mente moral criada para o estudo de Killen et al. (2011) parece particularmente adequada para esta linha de investigação. Essa tarefa consiste na apresentação de uma história sobre um(a) ajudante do professor (Josh/Jane, a depender do gênero do(a) participante) que jogou no lixo um pacote de papel que estava em cima da mesa, sem saber que, dentro dele, havia um cupcake especial de uma outra criança (Tommy/Tammy, a depender do gênero do(a) participante).

Dessa forma, as crianças devem responder a perguntas sobre os seguintes tópicos: (1) teoria da mente do transgressor acidental (“O que Josh, o menino que jogou o pacote de papel no lixo, pensava que estava no pacote?”), (2) intenções do transgressor (“Quando Josh jogou fora o pacote, ele pensava que estava fazendo algo bom ou algo ruim?”), (3) justificativa para as intenções do transgressor (“Por quê?”), (4) julgamento da ação do transgressor (“Quando Josh jogou fora o pacote, você pensa que ele estava fazendo algo bom ou algo ruim?”), (5) justificativa para o julgamento da ação (“Por quê?”), (6) teoria da mente da vítima (“Agora o Tommy quer comer o cupcake que ele trouxe de casa... Onde Tommy irá procurar pelo cupcake dele?”), (7) atribuições do estado emocional da vítima (“Como Tommy se sentirá por ter perdido seu cupcake?”) e (8) atribuições sobre o sentimento da vítima em relação ao transgressor acidental (“Como Tommy se sentirá em relação a Josh?”). Com base nestas respostas, é possível identificar se as crianças compreendem que o personagem da história não agiu de forma imoral, uma vez que ele não sabia o que havia no pacote que estava em cima da mesa da sala de aula.

No atual momento histórico, somos diariamente solicitados a questionar a credibilidade de informações que chegam de diferentes fontes: TV, jornais, mídias sociais, grupos de mensagens. A habilidade de discriminar fatos e falsidades (fake news) nunca se mostrou tão importante. Mas há muito

ainda a ser investigado sobre as origens dessa habilidade ou quando e em que circunstâncias as crianças demonstram ser capazes de confiar seletivamente. Levando em consideração a relevância de estudos sobre confiança seletiva em crianças e o número ainda limitado de estudos sobre o tema no país, o presente trabalho pretendeu explorar este tema a partir da aplicação de uma tarefa de confiança seletiva envolvendo promessas e da tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM - *a morally relevant false belief theory of mind*; Killen et al., 2011). Mais especificamente, o objetivo do presente trabalho foi o de investigar se crianças de 5 e 6 anos brasileiras levam em consideração as motivações de alguém para quebrar uma promessa ao decidir se ele/ela é ou não um informante confiável.

Método

Participantes

Quarenta e oito crianças com desenvolvimento típico foram recrutadas, sendo que quatro delas participaram de um estudo piloto, realizado no formato online. A amostra final foi de 44 crianças de 5 anos ($M_{idade} = 5$ anos e 10 meses, $DP = 3.7$ meses) e 6 anos ($M_{idade} = 6$ anos e 8 meses, $DP = 3.5$ meses), estudantes de um centro de educação infantil e de uma escola estadual localizados em São Carlos - SP. Em decorrência das medidas de isolamento social durante a pandemia da COVID-19, o recrutamento foi realizado inicialmente apenas na modalidade online, por meio de divulgação da pesquisa em mídias sociais, possibilitando a participação de crianças residentes em qualquer cidade brasileira, desde que tivessem acesso à internet. Como o resultado do recrutamento online foi muito baixo ($n = 4$), optou-se pelo recrutamento para a coleta presencial apenas, após a autorização da Secretaria Municipal de Educação, da Diretoria de Ensino e dos dirigentes das duas instituições selecionadas para a coleta.

Procedimentos

O projeto foi aprovado inicialmente para a coleta online pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição sede, bem como a emenda para a coleta presencial (Anexo 1). A carta convite para a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram impressos e entregues aos pais ou responsáveis das crianças, por intermédio das professoras. Todas as sessões de coleta de dados foram

realizadas nas dependências das próprias escolas, em uma sala indicada pelo/a responsável e com condições adequadas (e.g., sem muito barulho e sem interferência de terceiros).

Após a obtenção do TCLE assinado pelos pais, era agendado um dia/horário para a coleta com a criança participante. Em ambas as formas de coleta de dados – online ou presencial - a criança deveria concordar com o Termo de Assentimento antes que a sessão pudesse ser iniciada. Depois de obtido assentimento, a pesquisadora iniciava a sessão de coleta com a tarefa de confiança seletiva e na sequência, era administrada a tarefa de teoria da mente (MoToM). A sessão individual com cada criança tinha duração aproximada de 30 minutos.

Instrumentos

Tarefa de Confiança Seletiva

Inicialmente, a pesquisadora explicava o procedimento ao participante, mostrando uma imagem de 3 personagens (Figura 1) e dizendo:

Agora eu vou te contar algumas histórias. João tem dois amigos: Pedro e Marcos. Os três estudam na mesma escola e na mesma sala de aula.

Este é o João. Qual é a cor da camisa dele?

Este é o Pedro. Qual é a cor da camisa dele?

Este é o Marcos. Qual é a cor da camisa dele?

Muito bem!

Nessas histórias, você vai perceber que os amigos prometem algumas coisas para João e nem sempre cumprem o que prometem. Preste bastante atenção no que eles dizem e fazem porque depois eu vou te fazer algumas perguntas sobre eles.



Figura 1. Personagens da história na tarefa de confiança seletiva

Os participantes foram distribuídos aleatoriamente em três condições (Apêndice A). Na primeira condição, um dos amigos promete algo e não cumpre sem justificativa razoável; e o outro amigo quebra a promessa por uma razão plausível. Por exemplo, Marcos promete para João que lhe dará carona às 5 horas da tarde para irem juntos a uma festa de aniversário. Perto do horário combinado, Marcos começa a assistir um filme na televisão e decide atrasar uma hora para buscar o amigo, não cumprindo a promessa por simplesmente não querer. Pedro, um mês depois, promete a mesma coisa para João, mas o pneu de carro de sua mãe furou enquanto iam para a casa do amigo. Portanto, Pedro atrasou uma hora para buscar João, não cumprindo a promessa apenas porque o pneu do carro furou.

Na segunda condição, há um personagem que prometeu e cumpriu; e um personagem que não cumpriu com justificativa plausível. Por exemplo, Marcos promete que dará carona para João às 5 horas da tarde para irem juntos a uma festa de aniversário e cumpre sem problemas. Pedro, um mês depois, promete a mesma coisa para João, mas o pneu de carro de sua mãe furou enquanto iam para a casa do amigo. Portanto, Pedro atrasou uma hora para buscar João, não cumprindo a promessa apenas porque o pneu furou.

Já na terceira condição, há um personagem que promete e cumpre; e um que promete e não cumpre, sem uma justificativa plausível. Por exemplo, Marcos promete que dará carona para João às 5 horas da tarde para irem juntos a uma festa de aniversário e cumpre sem problemas. Pedro, um mês depois, promete a mesma coisa para João, mas perto do horário combinado começa a assistir um filme na televisão e decide atrasar uma hora para buscar o amigo, não cumprindo a promessa por simplesmente não querer.

Seguindo o mesmo padrão de estudos prévios (Souza & Messias, 2020), três histórias da fase de familiarização eram contadas para a criança (Apêndice A). Logo após essa fase, iniciava-se a fase teste, com quatro tentativas.

A fase teste, que foi baseada e adaptada do procedimento de Doebel e Koenig (2013), iniciava-se com a seguinte frase: “Agora esses três amigos vão jogar quatro jogos diferentes que João nunca jogou. Marcos e Pedro irão ajudar João a tomar suas decisões nesses jogos. Preste bastante atenção!”. Por exemplo, a pesquisadora mostrava uma imagem para a criança (Figura 2) e dizia que esse é o jogo dos botões, e que há um botão amarelo e outro azul. Para ganhar o jogo, João não pode apertar o botão errado porque algo ruim pode acontecer. Pedro acha que João não deve apertar o botão azul e Marcos acha que ele não deve apertar o botão amarelo. A criança deveria indicar em qual dos dois amigos João deve confiar para acertar os jogos.

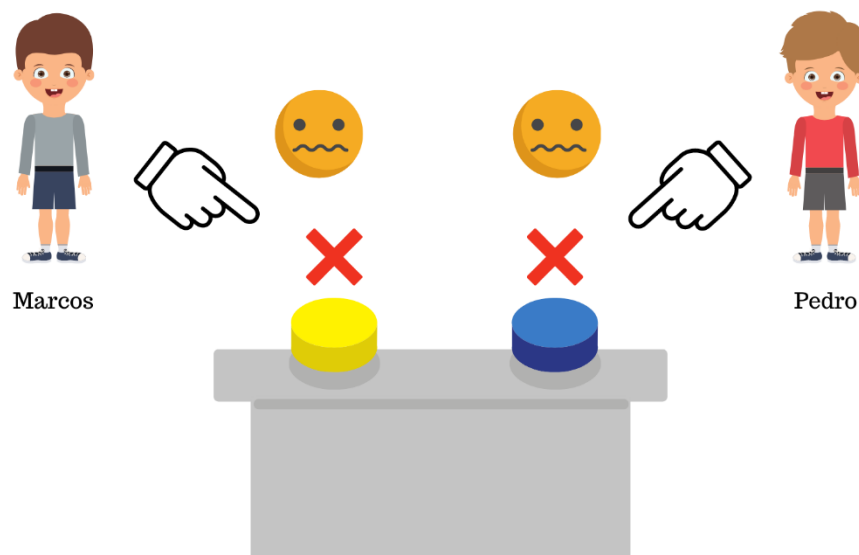


Figura 2. Ilustração da primeira tentativa teste (jogo dos botões)

Finalmente, é importante destacar que o papel dos personagens (e.g., quem é o amigo com a justificativa plausível e o com a justificativa não plausível) foi contrabalanceado. Para cada uma das tentativas teste, a criança recebia o escore 1 se ela escolhesse o informante mais confiável (i.e., na C1, o que quebra a promessa com uma boa justificativa; na C2 e na C3, o informante que cumpre a promessa). O escore de confiança seletiva, portanto, variava de 0 a 4 pontos.

Após a primeira coleta de dados, percebeu-se a necessidade de realizar perguntas de controle para os participantes, a fim de observar a compreensão da criança em relação aos detalhes da história. Portanto, as perguntas adicionadas ao procedimento e feitas ao longo da história, seguindo os detalhes de cada parte, foram: “Como você acha que o João está se sentindo? (Feliz/ nem aí/ chateado?)”, “Por que mesmo que o Marcos/Pedro chegou atrasado?”, “E agora que ele sabe o motivo do atraso, como você acha que ele está se sentindo depois de saber disso? (Deixou de ficar chateado ou continuou chateado?)”, “A culpa do atraso foi do Marcos/Pedro ou não?” e, por fim: “Se você tivesse que escolher um dos dois para ir com você ao parquinho/cinema/sua casa, quem você escolheria? Marcos ou Pedro?”.

Tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM) – (Killen et al., 2011)

Era contada uma história sobre uma ajudante do professor (Julia) que jogou no lixo um pacote de papel que estava em cima da mesa, sem saber que havia um cupcake especial de uma outra criança lá dentro (Teresa). Perguntas eram feitas sobre os tópicos a serem avaliados sobre a interpretação dos participantes sobre a situação da história (Anexo 2): (1) teoria da mente do transgressor acidental (“O que Julia, a menina que jogou o pacote de papel no lixo, pensava que estava no pacote?”), (2) intenções do transgressor (“Quando Julia jogou fora o pacote, ela pensava que estava fazendo algo bom ou algo ruim?”), (3) justificativa para as intenções do transgressor (“Por quê?”), (4) julgamento da ação do transgressor (“Quando Julia jogou fora o pacote, você pensa que ela estava fazendo algo bom ou algo ruim?”), (5) justificativa para o julgamento da ação (“Por quê?”), (6) teoria da mente da vítima (“Agora a Teresa quer comer o cupcake que ela trouxe de casa... Onde Teresa irá procurar pelo cupcake dela?”), (7) atribuições do estado emocional da vítima (“Como Teresa se sentirá por ter perdido seu cupcake?”) e (8) atribuições sobre o sentimento da vítima em relação ao transgressor acidental (“Como Teresa se sentirá em relação à Julia?”). Com base nessas respostas, foi possível compreender o julgamento moral dos participantes acerca das ações do personagem da história. Para as perguntas com respostas dicotômicas (sim/não), a criança recebia 1 ponto se a resposta fosse correta e 0 se a resposta fosse incorreta. Para as perguntas avaliativas que usaram uma escala likert, o escore poderia variar de 1 = o que ele fez não era nada bom e 4 = estava tudo certo!).

Resultados

Inicialmente, apresentaremos os resultados de uma análise descritiva. A Tabela 1 descreve os escores médios e os desvios padrões na tarefa de confiança seletiva e na tarefa de teoria da mente (perguntas 1 e 6 da MoToM: conteúdo falso e mudança de local).

Tabela 1

Escores médios e desvios padrão por grupo de idade na tarefa de confiança seletiva (CS) e no componente de teoria da mente (ToM) da MoToM (perguntas 1 e 6)

Idade	CS (0-4 pts)	ToM (0-2 pts)
	M (DP)	M (DP)
5 anos (N = 20)	2,28 (0,79)	1,15 (0,81)
6 anos (N = 24)	2,25 (1,12)	1,17 (0,70)
Total (N = 44)	2,32 (1,12)	1,16 (0,75)

Testes Shapiro-Wilk revelaram que a distribuição dos escores na tarefa de confiança seletiva não era normal ($W = 0,80$, $p = 0,007$), assim como a distribuição dos escores de ToM ($W = 0,88$, $p = 0,00$), portanto, somente testes estatísticos não-paramétricos foram conduzidos. Em uma etapa preliminar, testes Mann-Whitney foram realizados para testar possíveis efeitos de idade e gênero. Não foi encontrada uma diferença significativa entre as crianças de 5 e 6 anos, tanto na tarefa de confiança seletiva ($Mdn = 2,50$, $U = 224$, $p = 0,71$), quanto na tarefa de teoria da mente moralmente relevante ($Mdn = 1,00$, $U = 240$, $p = 1,0$). Em relação ao gênero, os resultados também demonstram a ausência de uma diferença significativa na tarefa de confiança seletiva ($Mdn = 2,50$, $U = 226$, $p = 0,85$) e na tarefa de teoria da mente moralmente relevante ($Mdn = 1,00$, $U = 174$, $p = 0,15$). Como resultado, as análises subsequentes não incluíram as variáveis idade e gênero.

Um teste de postos sinalizados Wilcoxon revelou que o desempenho dos participantes na tarefa de confiança seletiva não foi diferente do esperado pelo acaso, $Z = -1,05$, $p = 0,31$.

Para comparar os desempenhos dos participantes nas três condições, um teste Kruskal-Wallis foi conduzido. Não houve diferença significativa no desempenho das crianças quando comparadas nas três condições, $H(2) = 1.53, p > 0.05$. Uma análise de distribuição de frequência foi então realizada com base na proporção de participantes que fracassaram (obtiveram escore 0 ou 1), ficaram indecisos (obtiveram escore 2) ou tiveram sucesso (obtiveram escore 3 ou 4), como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2

Distribuição de frequência participantes que fracassaram, ficaram indecisos ou obtiveram sucesso em cada uma das condições na tarefa de confiança seletiva

Condição	Fracasso	Indeciso	Sucesso
	(escore 0-1 pt)	(escore 2 pts)	(escores 3-4 pts)
	N (%)	N (%)	N (%)
C1 (N = 15)	3 (20%)	3 (20%)	9 (60%)
C2 (N = 15)	5 (33,3%)	2 (13,3%)	8 (53,3%)
C3 (N = 14)	4 (28,6%)	5 (35,7%)	5 (35,7%)

Um teste de chi-quadrado não revelou uma associação significativa entre a condição e o desempenho dos participantes segundo esta classificação, $\chi^2(2, 44) = 1.81, p > 0.05$. Apesar da aparente dificuldade das crianças na tarefa de confiança seletiva (tentativas teste), as respostas para as perguntas de preferência (e.g., Com qual dos dois personagens você gostaria de brincar?), durante a fase de familiarização, revelam um padrão de preferência claramente direcionado para o informante mais confiável em cada condição. Na C1, 86,6% das crianças indicaram uma preferência pelo personagem que tem uma justificativa plausível (escolheram este personagem em todas as 3 tentativas ou em 2 das 3 tentativas). Na C2, 86,6% dos participantes indicaram uma preferência pelo personagem que cumpre suas promessas (escolheram este personagem em todas as 3 tentativas ou em 2 das 3 tentativas). Na C3, por fim, 92,9% dos participantes indicaram preferência pelo personagem que cumpre suas promessas (escolheram este personagem em todas as 3 tentativas ou em 2 das 3 tentativas).

O teste de correlação de Spearman revelou apenas uma tendência a uma associação significativa entre o desempenho na tarefa de confiança seletiva e o desempenho na pergunta sobre conteúdo inesperado (pergunta 1), $r_s(44) = -0.27, p = 0.075$. Uma correlação significativa, no entanto, foi encontrada entre o desempenho na pergunta 1 de conteúdo inesperado e o da pergunta sobre a intenção do transgressor (“Você pensa que o que a Júlia fez é bom ou ruim?”), $r_s(44) = 0.34, p = 0.025$, sugerindo que as crianças com a habilidade de atribuir uma crença falsa à Júlia faziam avaliações mais positivas do comportamento dela.

Em relação às perguntas sobre atribuição de emoção ao transgressor (pergunta 7) e à vítima (pergunta 8), é importante destacar que todas as crianças disseram que a Teresa (a vítima) iria se sentir triste (100%) quando percebesse que perdeu o cupcake. Uma tendência a uma correlação significativa foi encontrada entre a habilidade de atribuir uma crença falsa (pergunta 1) e a atribuição de emoção à vítima em relação à transgressora, $r_s(44) = -0.27, p = 0.08$.

Discussão

Ao longo de mais de 20 anos, diversos estudos têm investigado características de potenciais informantes que podem influenciar os julgamentos de confiança em situações novas de aprendizagem, ou seja, a sua confiança seletiva (Clemént, Koenig & Harris, 2004). Aspectos como histórico de acertos, aparência, gênero e etnia, bem como a quebra de promessas (Isella, Kanngiesser e Tomasello, 2018), vêm sendo estudados como possíveis variáveis que influenciam a escolha das crianças no momento de escolher qual informante deve fornecer as informações necessárias para obter sucesso na tarefa de confiança seletiva.

O objetivo do presente estudo foi avaliar se um histórico de promessas não cumpridas e os motivos dessas quebras de promessa influenciariam as escolhas de crianças de 5 e 6 anos em situações novas de aprendizagem – elas escolheriam o testemunho de quem prometeu e cumpriu, de quem prometeu e não cumpriu com uma justificativa plausível ou de quem prometeu e não cumpriu com uma justificativa fútil? Esperava-se que elas dessem preferência para os personagens que prometiam e cumpriam ou então para os personagens que quebravam suas promessas com uma justificativa plausível,

a depender da condição experimental à qual foram submetidas. Além disso, outro objetivo foi o de testar uma possível correlação entre o desempenho na tarefa de confiança seletiva e na tarefa de teoria da mente moralmente relevante, para compreender se as crianças realizavam um julgamento moral da quebra de promessas.

Não foram encontrados efeitos de gênero ou de idade e, em termos da escolha por um potencial informante, também não há uma preferência clara por aquele que cumpre todas as promessas ou aquele que quebra suas promessas por razões compreensíveis, como mostra a Tabela 2. A análise dos dados também demonstra que os desempenhos, em todas as condições, não foi diferente daquele esperado pelo acaso. Tais resultados vão parcialmente ao encontro daqueles obtidos no Experimento 2 do estudo de Isella, Kanngiesser e Tomasello (2018) – que também avaliava a confiança seletiva em contextos de quebra de promessas - no qual os participantes de 5 anos também não tiveram um desempenho diferente daquele esperado pelo acaso, mas os participantes de 6 anos tiveram um desempenho significativamente acima daquele esperado pelo acaso.

Uma das hipóteses de Isella, Kanngiesser e Tomasello (2018) em relação ao fracasso das crianças mais novas é a de que as promessas envolvidas na história do procedimento diferem das promessas feitas diretamente à criança. Portanto, elas podem ter tido dificuldade ao transferirem de um contexto ao outro a quebra de promessa. Da mesma forma, as crianças que participaram deste estudo podem ter tido dificuldade para associarem o histórico de quebra de promessas nos diferentes contextos da história (oferta de carona para a festa de aniversário, levar o brinquedo divertido para a escola ou devolver o dinheiro no dia seguinte) ao contexto dos jogos que compunham as tentativas-teste da tarefa de confiança seletiva.

Apesar disso, uma tendência a uma associação significativa entre o desempenho na tarefa de confiança seletiva e o desempenho na pergunta sobre conteúdo inesperado (“O que a Julia, a menina que jogou o pacote de papel no lixo, pensava que estava no pacote?”) foi encontrada. Talvez crianças com uma teoria da mente mais bem desenvolvidas possam refletir melhor não apenas sobre as intenções dos personagens da tarefa de confiança seletiva, como também sobre os aspectos morais da quebra de promessas (ou como essa avaliação moral influencia suas preferências por um informante). Estudos futuros devem investigar melhor possíveis relações entre componentes mais avançados de teoria da

mente e o desempenho em uma tarefa de confiança seletiva que envolva um histórico de quebra de promessas.

Esperava-se também, na condição 2 da tarefa de confiança seletiva, uma oscilação entre a escolha do personagem que cumpre as promessas e do que quebra a promessa de forma justificada. Os resultados da análise de frequência dessa condição mostram que essa hipótese foi confirmada, visto que 53,3% dos participantes escolheram o informante que cumpre as promessas em pelo menos 3 das 4 tentativas. Dessa forma, 46,7% dos participantes escolheram o informante que não cumpre as promessas por uma razão justificada. Essas porcentagens mostram que não houve uma preferência clara por um dos dois informantes, mas sim uma oscilação na frequência das respostas.

Por fim, o resultado esperado para a condição 3 era o de que as crianças apresentassem uma clara preferência por confiar no informante que cumpria suas promessas em vez daquele que não cumpria. Esse resultado não foi encontrado, visto que apenas 35,7% dos participantes escolheram o informante correto em pelo menos 3 das 4 tentativas. Como explicar, portanto, esse padrão de resultados?

Uma possível explicação é a de que as crianças da presente amostra não estabeleceram uma conexão entre a quebra de promessas das histórias e a necessidade de confiar no testemunho dos mesmos personagens durante a tarefa de confiança seletiva, o que pode ser resultante de uma série de fatores culturais e sociais. No entanto, é inevitável pensar em possíveis efeitos do longo período de isolamento social vivido recentemente. Os participantes do presente estudo foram privados por 2 anos de um convívio social diário com outras crianças e adultos como professores(as) e demais funcionários(as) das instituições de ensino. Portanto, avaliar o histórico de confiança e de moralidade em histórias fictícias pode ser uma habilidade que está fora do alcance do desenvolvimento sociocognitivo que elas tiveram desde o início da pandemia até agora, por terem sido privados de diversas formas de convívio social. Uma direção futura interessante seria a de usar o mesmo paradigma com crianças mais velhas, de 7 a 9 anos. Se as crianças mais velhas, com uma cognição social mais sofisticada, forem capazes de discriminar os dois informantes em termos de nível de confiabilidade, certamente o padrão de confiança seletiva será mais próximo do encontrado com as crianças de 6 anos do estudo de Isella et al. (2018).

Uma outra possibilidade que não pode ser descartada é a de que o histórico de promessas quebradas ou não (com ou sem justificativa plausível) pode influenciar o nível de confiança das crianças em outros domínios, mas não necessariamente numa situação de solução problema como a utilizada no presente estudo. Outra direção interessante para pesquisas futuras seria a de se testar a preferência das crianças em situações distintas de aprendizagem ou de confiança interpessoal.

Finalmente, é importante destacar que talvez a MoToM não tenha sido capaz de capturar uma variação esperada em termos de desenvolvimento sociocognitivo das crianças. E é provável que ela tenha sido uma tarefa com um nível de complexidade muito alto para as crianças do presente estudo. Isso fica particularmente evidente pela dificuldade em apresentar justificativas adequadas para as suas respostas. Por exemplo, muitas das crianças respondiam à pergunta “Porque você acha que o que a Júlia fez era errado (jogar o cupcake no lixo)?” com argumentos circulares do tipo “Porque ela jogou o cupcake no lixo!”. Portanto, sugere-se também que outras medidas de teoria da mente possam ser testadas em estudos futuros. Embora os resultados do presente estudo não tenham confirmado a hipótese de que as crianças de 5 e 6 anos levam em consideração um histórico de promessas cumpridas/ não cumpridas em seus julgamentos de confiança seletiva, ele representa um passo importante para uma linha de investigação incipiente no Brasil que busca compreender as origens da habilidade de confiar seletivamente no testemunho de outras pessoas. Espera-se que os dados aqui apresentados possam fomentar o interesse de um número maior de pesquisadores sobre o tema no país

Referências

- Clément, F., Koenig, M., & Harris, P. (2004). The ontogenesis of trust. *Mind and Language*, *19*(4), 360–379. <https://doi.org/10.1111/j.0268-1064.2004.00263.x>
- Doebel, S., & Koenig, M. A. (2013). Children's use of moral behavior in selective trust: discrimination versus learning. *Developmental Psychology*, *49*(3), 462–469. <https://doi.org/10.1037/a0031595>
- Harris, P. L. (2012). *Trusting What You're Told — How Children Learn from Others* (1a ed.). The Belknap Press of Harvard University Press. <https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674503830>
- Isella, M., Kanngiesser, P., & Tomasello, M. (2018). Children's Selective Trust in Promises. *Child Development*, *90*(6), e868–e887. <https://doi.org/10.1111/cdev.13105>
- Killen, M., Lynn Mulvey, K., Richardson, C., Jampol, N. & Woodward, A. (2011). The accidental transgressor: Morally-relevant theory of mind. *Cognition*, *119*(2), 197–215. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.01.006>
- Koenig, M. A., Clément, F., & Harris, P. L. (2004). Trust in testimony: Children's use of true and false statements. *Psychological Science*, *15*(10), 694–698. <https://doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.00742.x>
- Koenig, M. A., & Echols, C. H. (2003). Infants' understanding of false labeling events: The referential roles of words and the speakers who use them. *Cognition*, *87*(3), 179–208, [https://doi.org/10.1016/S0010-0277\(03\)00002-7](https://doi.org/10.1016/S0010-0277(03)00002-7)
- Markman, E. M., Wasow, J. L., & Hansen, M. B. (2003). Use of the mutual exclusivity assumption by young word learners. *Cognitive Psychology*, *47*(3), 241–275. [https://doi.org/10.1016/S0010-0285\(03\)00034-3](https://doi.org/10.1016/S0010-0285(03)00034-3)
- Pasquini, E. S., Corriveau, K. H., Koenig, M., & Harris, P. L. (2007). Preschoolers Monitor the Relative Accuracy of Informants. *Developmental Psychology*, *43*(5), 1216–1226. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.5.1216>
- Robinson, E. J., & Einav, S. (Eds.). (2014). *Trust and skepticism: children's selective learning from testimony*. London, UK: Psychology Press.

Souza, D. de H., & Messias, A. C. (2020). CONFIANÇA SELETIVA EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Psicologia Em Estudo*, 25(0).

<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44631>

Sperber, D. (2001). An Evolutionary Perspective on Testimony and Argumentation. *Philosophical*

Topics, 29(1), 401–413. <https://doi.org/10.5840/philtopics2001291/215>

Anexo 1

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFSCar



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Promessa é dívida: Efeitos da inconsistência de informantes na confiança seletiva de crianças pré-escolares

Pesquisador: Débora de Hollanda Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51013421.6.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.011.849

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1779968, de 11/08/2021) e/ou do Projeto Detalhado ("Projeto_Monografia_Laura_Melnicky_Versao_Final.pdf", de 27/07/2021).

Pesquisas recentes têm investigado o desenvolvimento da confiança seletiva ou a habilidade de discriminar bons e maus informantes em situações de aprendizagem novas. Uma pergunta, no entanto, permanece pouco explorada: será que esses julgamentos podem ser também influenciados por um histórico de promessas não cumpridas e pelos motivos que levaram a essa quebra de promessas? O presente estudo tem como objetivo buscar uma resposta para esta pergunta. Adicionalmente, pretende-se testar uma possível correlação entre confiança seletiva e a teoria da mente. Participarão do estudo 48 crianças de 5 e 6 anos. As crianças serão avaliadas pela tarefa de confiança seletiva e pela tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM). Os participantes serão aleatoriamente distribuídos em duas condições que se diferenciam pelo tipo de situação apresentada na tarefa de confiança seletiva. Na primeira condição (C1), um dos personagens sempre promete algo a um amigo e não cumpre a promessa, sem uma justificativa plausível; e um segundo personagem quebra as promessas para o mesmo amigo, no entanto, por razões

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.011.849

aceitáveis. Na segunda condição (C2), um personagem promete e cumpre as promessas; e outro personagem não cumpre por uma razão aceitável. Já na terceira condição (C3), o personagem que promete e cumpre é contrastado com um que promete e não cumpre sem uma justificativa plausível. Em uma fase teste, as crianças são solicitadas a escolher um dos dois personagens como sua fonte de informação em situações novas de aprendizagem. Os resultados esperados são: a) uma correlação positiva entre confiança seletiva e teoria da mente; b) na C1, as crianças devem demonstrar uma preferência clara pelo informante que tem justificativas plausíveis para a quebra de promessa; c) na C2, o padrão de preferência pode oscilar entre o que cumpre as promessas e o que quebra a promessa de forma justificada; d) na C3, as crianças darão preferência ao informante que cumpre as promessas.

Objetivo da Pesquisa:

Levando em consideração a relevância de estudos sobre confiança seletiva em crianças e o número ainda limitado de estudos sobre o tema no país, o presente trabalho pretende explorar este tema a partir da aplicação de uma tarefa de confiança seletiva envolvendo promessas e da tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM - a morally relevant false belief theory of mind; Killen et al.,2011). Mais especificamente, pretende-se investigar se crianças brasileiras de 5 e 6 anos levam em consideração as motivações de alguém para quebrar uma promessa ao decidir se ele/ela é ou não um informante confiável.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os únicos riscos de natureza psicológica, para você ou o(a) seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália. Caso ocorra qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. A pesquisadora acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento. Por sua vez, em relação aos riscos característicos do ambiente virtual, informamos que os aplicativos e recursos utilizados para comunicação são considerados seguros pelos seus fabricantes. No entanto, caso ocorra alguma quebra de segurança durante a realização da pesquisa, o procedimento será interrompido e a pesquisadora buscará a assistência de um especialista em segurança digital, que prestará o serviço necessário para reparação de qualquer consequência adversa aos participantes.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.011.849

Benefícios:

O presente estudo pretende contribuir para o avanço da pesquisa sobre desenvolvimento sociocognitivo no Brasil, em especial, ao fornecer dados inéditos sobre os efeitos de promessas não-cumpridas na confiança seletiva de crianças pequenas. Espera-se que estes dados possam embasar intervenções futuras voltadas para orientação parental em relação à importância de fornecer apenas informações consistentes a seus filhos, principalmente tratando-se de promessas a serem cumpridas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No que se refere à apreciação ética do projeto, à luz da Resolução 510/2016, este colegiado não encontrou pendências a respeito do protocolo de pesquisa apresentado e, portanto, considera-o apto para aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.011.849

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1779968.pdf	11/08/2021 16:56:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Formulario_Google_Corrigido.pdf	11/08/2021 16:53:47	Laura Cunha Melnicky	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Corrigido.pdf	11/08/2021 16:53:33	Laura Cunha Melnicky	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	28/07/2021 16:32:36	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Outros	Carta_aos_pais_Laura.pdf	28/07/2021 16:30:35	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Cronograma	Cronograma_Laura.pdf	28/07/2021 11:17:38	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Monografia_Laura_Melnicky_Versao_Final.pdf	27/07/2021 10:35:25	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_CEP_LauraM.pdf	27/07/2021 10:30:30	Laura Cunha Melnicky	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 01 de Outubro de 2021

Assinado por:

Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFSCar sobre a emenda para coleta presencial



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Promessa é dívida: Efeitos da inconsistência de informantes na confiança seletiva de crianças

Pesquisador: Débora de Hollanda Souza

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 51013421.6.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.507.482

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1899536_E1.pdf, de 17/06/2022).

Pesquisas recentes têm investigado o desenvolvimento da confiança seletiva ou a habilidade de discriminar bons e maus informantes em situações de aprendizagem novas. Uma pergunta, no entanto, permanece pouco explorada: será que esses julgamentos podem ser também influenciados por um histórico de promessas não cumpridas e pelos motivos que levaram a essa quebra de promessas? O presente estudo tem como objetivo buscar uma resposta para esta pergunta. Adicionalmente, pretende-se testar uma possível correlação entre confiança seletiva e a teoria da mente. Participarão do estudo 48 crianças de 5 e 6 anos. As crianças serão avaliadas pela tarefa de confiança seletiva e pela tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM). Os participantes serão aleatoriamente distribuídos em duas condições que se diferenciam pelo tipo de situação apresentada na tarefa de confiança seletiva. Na primeira condição (C1), um dos personagens sempre promete algo a um amigo e não cumpre a promessa, sem uma justificativa plausível; e um segundo personagem quebra as promessas para o mesmo amigo, no entanto, por razões aceitáveis. Na segunda condição (C2), um personagem promete e cumpre as promessas; e outro personagem não cumpre por uma razão aceitável. Já na terceira condição (C3), o

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.507.482

personagem que promete e cumpre é contrastado com um que promete e não cumpre sem uma justificativa plausível. Em uma fase teste, as crianças são solicitadas a escolher um dos dois personagens como sua fonte de informação em situações novas de aprendizagem. Os resultados esperados são: a) uma correlação positiva entre confiança seletiva e teoria da mente; b) na C1, as crianças devem demonstrar uma preferência clara pelo informante que tem justificativas plausíveis para a quebra de promessa; c) na C2, o padrão de preferência pode oscilar entre o que cumpre as promessas e o que quebra a promessa de forma justificada; d) na C3, as crianças darão preferência ao informante que cumpre as promessas.

Objetivo da Pesquisa:

Levando em consideração a relevância de estudos sobre confiança seletiva em crianças e o número ainda limitado de estudos sobre o tema no país, o presente trabalho pretende explorar este tema a partir da aplicação de uma tarefa de confiança seletiva envolvendo promessas e da tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM - a morally relevant false belief theory of mind; Killen et al., 2011). Mais especificamente, pretende-se investigar se crianças brasileiras de 5 e 6 anos levam em consideração as motivações de alguém para quebrar uma promessa ao decidir se ele/ela é ou não um informante confiável.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os únicos riscos de natureza psicológica, para você ou o(a) seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália. Caso ocorra qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. A pesquisadora acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.

Benefícios:

O presente estudo pretende contribuir para o avanço da pesquisa sobre desenvolvimento sociocognitivo no Brasil, em especial, ao fornecer dados inéditos sobre os efeitos de promessas não-cumpridas na confiança seletiva de crianças pequenas. Espera-se que estes dados possam embasar intervenções futuras voltadas para orientação parental em relação à importância de fornecer apenas informações consistentes a seus filhos, principalmente tratando-se de promessas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



a serem cumpridas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A emenda justifica-se, de acordo com as pesquisadoras: "Inicialmente, a coleta de dados deste projeto de pesquisa foi planejada para ser feita de forma online, por meio de videochamada, visto que nos encontrávamos no período de isolamento social necessário à contenção da pandemia da COVID-19. Entretanto, o número de inscrições de participantes para a pesquisa online foi muito abaixo do esperado, apesar das diversas tentativas de divulgação. Gostaríamos de pedir esta emenda, portanto, para que possamos realizar coleta de dados presencial nas instituições de ensino da cidade de São Carlos, que já retomaram as aulas presenciais. O procedimento e os instrumentos utilizados permanecem inalterados. O projeto já foi aprovado pela Diretoria de Ensino da Região de São Carlos. Também gostaríamos de pedir a modificação do título, que antes era: "Promessa é dívida: Efeitos da inconsistência de informantes na confiança seletiva de crianças pré-escolares" e deverá ser apenas: "Promessa é dívida: Efeitos da inconsistência de informantes na confiança seletiva de crianças", uma vez que coletaremos também com crianças em idade escolar (de 6 anos a 6 anos e 11 meses).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) foram reformulados para pesquisas realizadas na modalidade presencial, de acordo com as normativas da Resolução 510/2016. A carta de consentimento da instituição coparticipante devidamente assinada - no caso, a diretoria de ensino responsável pelas escolas em que os procedimentos de coleta serão aplicados - também foi anexada à Plataforma. Foi anexada nova folha de rosto devidamente assinada com a alteração realizada no título, atendendo a pendência ética indicada em parecer anterior emitido por este CEP, de nº 5.413.099. Conforme carta resposta anexada pelas pesquisadoras (documento "Carta_Resposta_versao1.pdf", de 17/06/2022): "Em resposta à solicitação do(a) parecerista, informamos que uma nova folha de rosto com o título atualizado e devidamente assinada foi anexada na Plataforma Brasil".

Recomendações:

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos nos documentos da emenda.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.507.482

Considerações Finais a critério do CEP:

No que se refere à apreciação ética do projeto, à luz das Resoluções 510/2016 e 466/2012, este colegiado não encontrou pendências a respeito da emenda de pesquisa apresentada e, portanto, considera-o apto para aprovação. O CEP – UFSCar recomenda aos(às) pesquisadores(as): comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1899536_E1.pdf	17/06/2022 17:44:28		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	17/06/2022 17:43:59	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Atualizada.pdf	17/06/2022 17:42:47	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Outros	Pedido_de_Emenda_Oficio_CEP.pdf	03/05/2022 14:05:06	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Cronograma	Plano_de_atividades_Emenda.pdf	03/05/2022 13:33:13	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Outros	Parecer_Diretoria_de_Ensino.pdf	20/04/2022 08:46:15	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_IC_Presencial_LauraMelnicky.pdf	20/04/2022 08:32:11	Laura Cunha Melnicky	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Presencial.pdf	20/04/2022 08:30:10	Laura Cunha Melnicky	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Presencial.pdf	20/04/2022 08:30:01	Laura Cunha Melnicky	Aceito
Outros	Carta_aos_pais_Laura.pdf	28/07/2021 16:30:35	Laura Cunha Melnicky	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 5.507.482

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 04 de Julho de 2022

Assinado por:

Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Anexo 2

Perguntas feitas na tarefa de teoria da mente moralmente relevante (MoToM):

1 - O que a Julia, a menina que jogou o pacote de papel no lixo, pensava que estava no pacote?

2- Quando a Julia jogou fora o pacote, ela pensava que estava fazendo algo bom ou algo ruim?

3- Por quê?

4- Quando a Julia jogou fora o pacote, você pensa que ela estava fazendo algo bom ou algo ruim?

5- Por quê?

6- Agora a Teresa vai voltar do parquinho e ela quer comer o cupcake que ela trouxe de casa...

Onde Teresa irá procurar pelo cupcake dela assim que ela entrar na sala de aula?

7- Como a Teresa se sentirá por ter perdido seu cupcake?

8- Como a Teresa se sentirá em relação à Julia?

Apêndice A

Roteiro da tarefa de confiança seletiva

Três condições:

Condição 1 (C1): personagem que prometeu e não cumpriu, sem justificativa X personagem que prometeu e não cumpriu, com justificativa plausível.

Condição 2 (C2): personagem que prometeu e cumpriu X personagem que não cumpriu, com justificativa plausível.

Condição 3 (C3): personagem que prometeu e cumpriu X personagem que prometeu e não cumpriu, sem justificativa.

Personagens:

João – camiseta azul

Pedro – camiseta vermelha

Marcos – camiseta cinza

Roteiro geral:

“Agora eu vou te contar algumas histórias. João tem dois amigos: Pedro e Marcos. Os três estudam na mesma escola e na mesma sala de aula.

Este é o João. Qual é a cor da camiseta dele?

Este é o Pedro. Qual é a cor da camiseta dele?

Este é o Marcos. Qual é a cor da camiseta dele?

Muito bem!

Nessas histórias, você vai perceber que os amigos prometem algumas coisas para João e nem sempre cumprem o que prometem. Preste bastante atenção no que eles dizem e fazem porque depois eu vou te fazer algumas perguntas sobre eles.”

Roteiro C1:

Tentativa de familiarização 1

Os três amigos foram convidados para uma festa de aniversário de um colega de classe. A festa começa às 5 horas da tarde.

Marcos promete que dará carona para João, às 5 horas, para irem juntos à festa. Perto das 5 horas, começa a passar um filme na televisão e Marcos decide atrasar uma hora para buscar João: “Não quero ir agora! Quero assistir esse filme antes”.

João ficou sentado na frente de sua casa por uma hora, esperando o amiguinho chegar. Quando percebeu que o amigo atrasaria, João ficou chateado.

Em uma outra festa de aniversário, um mês depois, Pedro que prometeu dar carona para João. A festa também começava às 5h00.

A caminho da casa de João, o pneu do carro da mãe de Pedro furou e eles precisaram esperar pelo borracheiro. Assim, Pedro atrasou uma hora para buscar João: “Poxa vida! O pneu furou e agora atrasarei”

João ficou sentado na frente de sua casa por uma hora, esperando o amiguinho chegar. Quando percebeu que o amigo atrasaria, João ficou chateado.

Tentativa de familiarização 2

A escola dos três amigos faz a sexta-feira do brinquedo, então toda sexta-feira as crianças podem levar brinquedos! Marcos prometeu levar um brinquedo que João ama: um trenzinho! João ficou super feliz por saber que brincaria com esse brinquedo tão legal.

Na sexta-feira, logo antes de ir para a escola, Marcos decide não levar mais aquele brinquedo: “Não quero levar porque o João pode quebrar o meu trenzinho!”

Quando viu que seu amigo chegou na escola sem o trenzinho, João ficou chateado. Na semana seguinte, Pedro prometeu para João que na sexta-feira ele levaria um ursinho de pelúcia que João amava. João ficou super feliz por saber que brincaria com aquele urso tão fofinho. Na sexta-feira, logo antes de ir para escola, Pedro foi até o seu quarto para procurar o ursinho e percebeu que não estava em lugar algum. Logo descobriu que no dia anterior, o seu irmão mais novo tinha levado esse ursinho para brincar na casa da avó deles e esqueceu lá. O ursinho, então, estava na casa da avó de Pedro e não tinha como pegá-lo porque ela mora muito longe da casa dele: “Nossa, não vou poder levar o ursinho para a escola! Que pena”.

Quando viu que seu amigo chegou na escola sem o ursinho, João ficou chateado.

Tentativa 3 de familiarização

Na escola em que eles estudam existe uma cantina e as crianças podem comprar lanche lá quando quiserem.

Um certo dia, Marcos tinha esquecido de levar lanche para escola e pediu dinheiro emprestado para João. João emprestou e Marcos prometeu que devolveria o dinheiro no dia seguinte. No dia seguinte, a mãe de Marcos lhe deu dinheiro para que ele pagasse o amiguinho, mas na escola ele decide não devolver para João e sim comprar chocolate na cantina com o dinheiro: “Ah, quer saber? Não vou devolver; vou comprar chocolate”.

Quando percebeu que o amigo não o pagou e gastou o dinheiro, João ficou chateado. Alguns dias depois, Pedro esqueceu de levar lanche e também pediu dinheiro emprestado para João. João emprestou e Pedro prometeu que devolveria no dia seguinte.

Porém, no dia seguinte, Pedro pediu o dinheiro para a sua mãe, ela procurou em sua bolsa e não encontrou nenhum dinheiro. Ela precisaria passar no banco e não tinha tempo para isso naquela manhã. “Ai, não vou conseguir devolver o dinheiro para o João hoje porque a minha mãe não tem nenhum dinheiro na carteira...”

Quando percebeu que o amigo não o pagaria naquele dia, João ficou chateado. **Roteiro C2:**

Tentativa de familiarização 1

Os três amigos foram convidados para uma festa de aniversário de um colega de classe. A festa começa às 5 horas da tarde.

Marcos promete que dará carona para João, às 5 horas, para irem juntos à festa. Perto das 5 horas, Marcos já está trocado, arrumado e pronto para buscar seu amigo: “Eba! Fiquei pronto a tempo. Vamos chegar bem no horário em que combinei com o João”.

João ficou sentado na frente de sua casa esperando o amiguinho chegar e logo foram para festa juntos, chegando lá bem cedo.

Em uma outra festa de aniversário, um mês depois, Pedro que prometeu dar carona para João. A festa também começava às 5 horas da tarde.

A caminho da casa de João, o pneu do carro da mãe de Pedro furou e eles precisaram esperar pelo borracheiro. Assim, Pedro atrasou uma hora para buscar João: “Poxa vida! O pneu furou e agora atrasarei”

João ficou sentado na frente de sua casa por uma hora, esperando o amiguinho chegar. Quando percebeu que o amigo atrasaria, João ficou chateado.

Tentativa de familiarização 2

A escola dos três amigos faz a sexta-feira do brinquedo, então toda sexta-feira as crianças podem levar brinquedos! Marcos prometeu levar um brinquedo que João ama: um trenzinho! João ficou super feliz por saber que brincaria com esse brinquedo tão legal.

Na sexta-feira, logo antes de ir para a escola, Marcos pegou o trenzinho e colocou na mochila: “João finalmente vai poder brincar com o meu trenzinho que ele tanto gosta!”

Quando viu que seu amigo chegou na escola com o trenzinho, João ficou feliz. Na semana seguinte, Pedro prometeu para João que na sexta-feira ele levaria um ursinho de pelúcia que João amava brincar. João ficou super feliz por saber que brincaria com aquele urso tão fofinho. Na sexta-feira, logo antes de ir para escola, Pedro foi até o seu quarto para procurar o ursinho e percebeu que não estava em lugar algum. Logo descobriu que no dia anterior o seu irmão mais novo levou esse ursinho para brincar na casa da avó deles e esqueceu lá. O ursinho, então, estava na casa da avó de Pedro e não tinha como pegá-lo porque ela mora muito longe da casa dele: “Nossa, não vou poder levar o ursinho para a escola! Que pena”.

Quando viu que seu amigo chegou na escola sem o ursinho, João ficou chateado. **Tentativa 3 de familiarização**

Na escola em que eles estudam existe uma cantina e as crianças podem comprar lanche lá quando quiserem.

Um certo dia, Marcos tinha esquecido de levar lanche para escola e pediu dinheiro emprestado para João. João emprestou e Marcos prometeu que devolveria o dinheiro no dia seguinte. No dia seguinte, a mãe de Marcos lhe deu dinheiro para que ele pagasse o amiguinho e ele entregou para o João assim que o viu: “Aqui, João, o dinheiro que você me emprestou ontem!”. Quando o amigo devolveu o dinheiro logo no dia seguinte, João ficou feliz.

Alguns dias depois, Pedro esqueceu de levar lanche e também pediu dinheiro emprestado para João. João emprestou e Pedro prometeu que devolveria no dia seguinte.

Porém, no dia seguinte, Pedro pediu o dinheiro para a sua mãe, ela procurou em sua bolsa e não encontrou nenhum dinheiro, precisaria passar no banco e não tinha tempo para isso naquela manhã. “Ai, não vou conseguir devolver o dinheiro para o João hoje porque a minha mãe não tinha nenhum trocado...”

Quando percebeu que o amigo não o pagaria naquele dia, João ficou chateado. **Roteiro C3**

Tentativa de familiarização 1

Os três amigos foram convidados para uma festa de aniversário de um colega de classe. A festa começa às 5 horas da tarde.

Marcos promete que dará carona para João, às 5 horas, para irem juntos à festa. Perto das 5 horas, Marcos já está trocado, arrumado e pronto para buscar seu amigo: “Eba! Fiquei pronto a tempo. Vamos chegar bem no horário em que combinei com o João”.

João ficou sentado na frente de sua casa esperando o amiguinho chegar e logo foram para festa juntos, chegando lá bem cedo.

Em uma outra festa de aniversário, um mês depois, Pedro promete que dará carona para João, às 5 horas, para irem juntos à festa. Perto das 5 horas, começa a passar um filme na televisão e Pedro decide atrasar uma hora para buscar João: “Não quero ir agora! Quero assistir esse filme antes”. João ficou sentado na frente de sua casa por uma hora, esperando o amiguinho chegar. Quando percebeu que o amigo atrasaria, João ficou chateado.

Tentativa de familiarização 2

A escola dos três amigos faz a sexta-feira do brinquedo, então toda sexta-feira as crianças podem levar brinquedos! Marcos prometeu levar um brinquedo que João ama: um trenzinho! João ficou super feliz por saber que brincaria com esse brinquedo tão legal.

Na sexta-feira, logo antes de ir para a escola, Marcos pegou o trenzinho e colocou na mochila: “João finalmente vai poder brincar com o meu trenzinho que ele tanto gosta!”. Quando viu que seu amigo chegou na escola com o trenzinho, João ficou feliz.

Na semana seguinte, Pedro prometeu para João que na sexta-feira ele levaria um ursinho de pelúcia que João amava brincar. João ficou super feliz por saber que brincaria com aquele urso tão fofinho. Na sexta feira, logo antes de ir para a escola, Pedro decide não levar mais aquele brinquedo: “Não quero levar porque o João pode estragar o meu ursinho!”. Quando viu que seu amigo chegou na escola sem o ursinho, João ficou chateado.

Tentativa 3 de familiarização

Na escola em que eles estudam existe uma cantina e as crianças podem comprar lanche lá quando quiserem.

Um certo dia, Marcos tinha esquecido de levar lanche para escola e pediu dinheiro emprestado para João. João emprestou e Marcos prometeu que devolveria o dinheiro no dia seguinte. No dia seguinte, a mãe de Marcos lhe deu dinheiro para que ele pagasse o amiguinho e ele entregou para o João assim que o viu: “Aqui, João, o dinheiro que você me emprestou ontem!”. Quando o amigo devolveu o dinheiro logo no dia seguinte, João ficou feliz.

Alguns dias depois, Pedro esqueceu de levar lanche para escola e pediu dinheiro emprestado para João. João emprestou e Pedro prometeu que devolveria o dinheiro no dia seguinte.

No dia seguinte, a mãe de Pedro lhe deu dinheiro para que ele pagasse o amiguinho, mas na escola ele decide não devolver para João e sim comprar chocolate na cantina com o dinheiro: “Ah, quer saber? Não vou devolver; vou comprar chocolate”. Quando percebeu que o amigo não o pagou e gastou o dinheiro, João ficou chateado.

Tentativas Testes

Agora esses três amigos vão jogar quatro jogos diferentes que João nunca jogou. Marcos e Pedro irão ajudar João a tomar suas decisões nesses jogos. Preste bastante atenção!

Tentativa Teste 1

Jogo de apertar o botão. Há uma máquina com um botão amarelo e outro azul, mas para ganhar o jogo, o João não pode apertar o botão errado porque algo ruim pode acontecer. Pedro achava que o João não deveria apertar o botão azul e Marcos acha que ele não deve apertar o botão amarelo. Qual botão você acha que o João NÃO pode apertar para ganhar o jogo?

Tentativa Teste 2

Jogo dos copos coloridos. Nesse jogo, apenas copos coloridos podem ser empilhados. Mas os copos coloridos estão acabando. Como se trata de um jogo onde só copos coloridos são permitidos, Pedro dirá a João que ele não pode empilhar um copo preto e Marcos dirá que ele não pode empilhar um copo branco. Qual copo você acha que o João NÃO pode empilhar?

Tentativa Teste 3

Jogo do tesouro. Existem dois baús de tesouro, mas para ganhar, João não pode abrir o errado (no baú errado, há algo “gosmento” e se ele o abrir, ele ficará com as mãos sujas). Pedro acha que ele não pode abrir o baú laranja e Marcos acha que ele não pode abrir o azul. Qual baú você acha que o João NÃO deve abrir?

Tentativa Teste 4

Jogo da bacia de balas. Uma das bacias só tinha balas velhas e ruins. Para ganhar o jogo, o João não pode escolher a bacia errada. Pedro acha que ele não deve escolher a bacia rosa e Marcos achava que ele não deve escolher a azul. Qual bacia você acha que o João NÃO deve escolher?”